

COM A PALAVRA

Martha Souza

Fotos: ADRIANA GARCIA



Ela não é apenas uma profissional de enfermagem que atuou durante muitos anos em campanhas de prevenção à AIDS. Martha Souza foi e continua sendo uma militante em favor da vida e contra o preconceito. Natural do Rio Grande do Sul, mas atuando no serviço público de saúde do Paraná, em 1995 veio cedida para o município de Santa Maria. Entre 1997 e 2007 integrou o Consórcio Intermunicipal de Saúde (CIS) e foi ainda consultora do Ministério da Saúde, tendo atuado em 2004 no projeto "Emergencial Norte", região do país que enfrenta muitas precariedades devido ao diagnóstico tardio da AIDS. Martha destaca que até 1997 praticamente não havia recursos para o trabalho de prevenção à Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), porém, se compensava com a criatividade e o engajamento. Ela comenta que hoje em dia existem muitos recursos, que às vezes acabam sendo desperdiçados.

Na luta pelos seus objetivos, Martha enfrentou muitos preconceitos. Mas, como diz aquele velho chavão, foi dando a cara para bater que conseguiu desenvolver trabalhos hoje vistos como pioneiros. Ainda na década de 90, coordenou o primeiro PRD (Projeto de Redução de Danos) itinerante do país, em Caçapava do Sul. 'Redução de Danos' é a ação em que são feitas trocas de seringas dos viciados, evitando assim a contaminação pelo compartilhamento dos instrumentos injetáveis. Aos 45 anos, a enfermeira voltou sua experiência para a docência. Atualmente, ministra aulas no Centro Universitário Franciscano e está em vias de concluir o mestrado em Geoprocessamento aplicado à saúde coletiva. Um dos trabalhos que ainda pretende desenvolver é pesquisar a relação entre violência e saúde. Para a docente, além do preconceito, um dos empecilhos para que a AIDS seja melhor combatida é a hipocrisia da sociedade, que finge não ver determinadas situações. Acompanhe os detalhes da entrevista a seguir:

Hipocrisia é aliada da AIDS

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta- *Quando a AIDS tornou-se uma epidemia, em meados dos anos 1980, o Brasil estava entre os países em que a doença se disseminava rapidamente. Com o passar dos anos, essa tendência arrefeceu. Qual a importância das campanhas públicas de esclarecimento para barrar o avanço indiscriminado da doença?*

Resposta- As campanhas tiveram um papel fundamental. Nós erramos muito em algumas campanhas, lembro da época da "guerra" contra a AIDS. Isso impregnou muito. Então, as pessoas que têm o diagnóstico positivo ainda sofrem muito com esse preconceito, que é como se fosse um atestado de morte. O Brasil não trabalhou só em termos de campanha, mas também no que se refere ao tratamento. Hoje, a AIDS virou uma doença crônica e o nosso país é um dos poucos que oferecem medicação gratuita para todos os seus pacientes. No entanto, temos o problema da falta de adesão dos pacientes, em função do preconceito e todos os outros problemas sociais. Eu acho que as campanhas tiveram um papel importante, tanto que a previsão era de muito mais casos. Isso foi o impacto de trabalharmos abertamente, sem colocar para debaixo do tapete, com populações específicas que eram esquecidas, tais como os profissionais do sexo, homossexuais e usuários de drogas injetáveis. O Brasil encarou isso com muita propriedade. Nós tivemos o primeiro projeto de redução de danos na cidade de Santos (São Paulo), coordenado pelo Fábio Mesquita, que inclusive foi preso, porque interpretaram que ele estava estimulando o uso de drogas. Assim como nós, profissionais da saúde, fomos acusados no início da epidemia, de estimular o sexo, quando distribuíamos preservativos. Hoje, as campanhas já são encaradas com uma certa naturalidade, porque algumas

barreiras já foram vencidas, mas o preconceito ainda é o nosso maior problema.

P- *No início, a AIDS era associada com os chamados grupos de risco, denominação de pessoas que usavam drogas ou eram promíscuas sexualmente. Isso gerou muito preconceito, que ao longo do tempo foi sendo combatido. A senhora acredita que hoje ainda existe uma visão preconceituosa em relação à doença ou essa questão já foi vencida?*

R- Ainda é muito forte o preconceito. Eu tenho uma pergunta que eu sempre uso nas minhas palestras, porque eu sempre digo que sexo é a forma que mais transmite HIV. 'Vocês acham que tem alguma forma de sexo que é a mais arriscada?'. A maioria responde que o sexo anal é a forma mais arriscada. Ou seja, quando eles falam isso, está introyetado que o gay tem mais risco. Como se fosse só o gay que fizesse sexo anal. Isso está impregnado e foi um grande erro nosso, profissionais de saúde, e da própria mídia, que direcionamos esse pensamento. Antes, a AIDS era chamada de "peste gay". Claro que os primeiros casos nos Estados Unidos foram com os gays e têm vários filmes que retratam isso. Mas, o que aconteceu com a AIDS? Aos poucos foram aparecendo mulheres que faziam programas, ou seja, profissionais do sexo infectadas. Mais uma vez se estigmatiza as prostitutas. Aí vieram os usuários de drogas. Então, era tudo que não prestava para a sociedade. Nós vimos depoimentos horrorosos, de que era um "castigo divino". E nada disso funcionou. A epidemia continuou existindo e afetou as crianças. E começou aquela coisa do 'pobrezinho' ou 'bem feito!'. Hoje está crescendo na epidemia o índice de heterossexuais, mulheres de parceiros fixo e idosos. Justamente aquelas pessoas que continuam passando as mensagens para os outros, e achando que a AIDS é 'do outro'. Temos que